



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A RÃ CASTIGADA

Por LEONOR DE CAMPOS

O senhor Sapo sentia-se cansado de tanto trabalhar. Nessa noite fizera uma grande rasia na bicharada que infestava a horta. E estava tão cheio, tão cheio, que mal se podia mexer!

— «Apre! — resmungava ele, mal disposto — Isto é que foi uma enchente!... Até tenho a língua adormecida! Bom! Agora toca a sentar um pouco! Ali, junto do ribeirinho, não se deve estar mal. Vou até lá!...»

Mas estava escrito que, nessa noite, o senhor Sapo não poderia ter descanso.

E assim foi. Mal ele se sentou... *ichapp!*... uma chapada de água, encharcou-o do focinho às patas!

Danado, o Sapo desatou a gritar:

— «Quem seria o bruto que me molhou todo?» Logo se ouviu uma vozita esgançada:

«Dobre a língua, senhor sapo!
Se o molhei, foi sem querer!...
E não lhe custava nada,
mais bem educado ser!...»

E uma pequena rã, a boca escancarada num sorriso, os olhos esbugalhados, saltou da água e veio cair junto do sapo. Este ficou encantado:

«Quem és tu, ó formosura?»
E a rãzinha respondeu:

«Eu sou a Rã Pintalgada!...
Minha mãe, a Rã Castanha,

mandou-me educar lá fóra,
num colégio da Alemanha!...»

«Ah! — disse o sapo, a sorrir — Então, é porisso que tu gostas de dar lições de educação!...»

Continuaram a conversar. E daí a pouco o Sapo estava apaixonado pela Rã. Porisso, depois de várias tréts e larachas, ajoelhou na relva e suplicou:

(Continua na página 6)



DESTINOS

NOVELA INFANTIL POR
GRACIETTE BRANCO

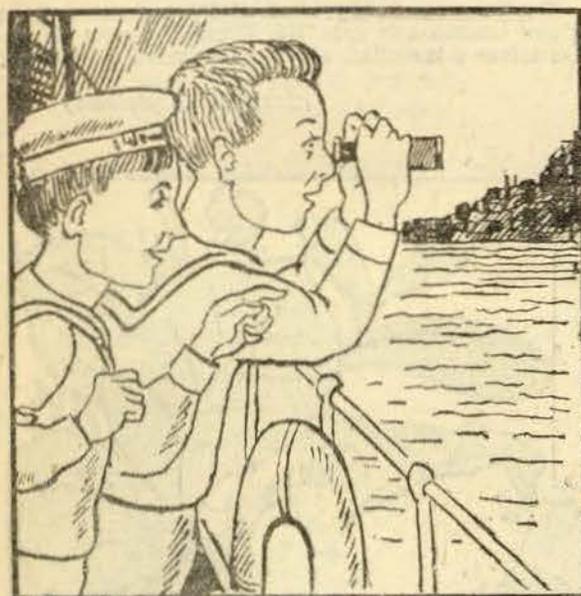
(Continuação)

Estimulado, Fernando progredia a olhos vistos e quando, passados poucos dias, os seus pés, alegremente pisavam terra inglesa, já construía frases, quasi sem esforço, sustentando uma conversa, de alguns minutos, com os restantes criados do seu novo patrão.

A sua curiosidade, o seu imenso desejo de tudo ver e tudo conhecer, fazia-o percorrer, avidamente, as ruas de Londres, nos dias destinados a descanso, perguntando mil coisas, observando, estudando, investigando...

Contudo, a grande alegria que sentia por se encontrar no estrangeiro não fazia esmorecer a lembrança, sempre viva, da sua Patria, a saúde de seus Pais e a ternura, sempre constante, por Rosita.

A fascinação que sentia no momento da sua



chegada a Inglaterra e o enebriamento das primeiras impressões, não conseguiram rasgar da sua alma, extraordinariamente emotiva, a página de saúde pelo país pequenino, mas grande, dentro de si, que tão longe ficara!

Um grande desejo o invadia agora. Aproveitar todos os dias, todas as horas, para tornar-se alguém e regressar, mais tarde, a Portugal, com uma situação definida e segura.

Haviam decorridos quatro meses. Fernando sempre nas boas graças dos patrões, pelo seu temperamento delicado e génio trabalhador, progredia a olhos vistos.

A língua inglesa era-lhe já tão familiar e o seu ar distinto impunha-se tanto, que «mister»



Grossmitt resolveu fazer dele seu secretário particular.

Foi um dos dias mais felizes da vida de Fernando. A sua alegria foi tão intensa, tão forte, tão sincera, que o milionário sorriu, contente, como sempre acontecia, após ter praticado uma boa acção.

«Charuto», dócil e simples temperamento, caracter affectivo e dedicado, sem grandes aspirações, desejando, apenas, ganhar a vida honradamente, não se maguou com a preferência de Grossmitt, antes aplaudiu, porque era já bastante amigo de Fernando e apreciava o seu temperamento ambicioso e combativo.

A ambição, quando é regida por um caracter recto e superior força de vontade, é sempre uma qualidade apreciável. E Fernando sentia, em si, todas as forças, todas as energias necessárias á grande ambição que lhe iluminava o espirito.

Uma tarde, saía Fernando, tranquilamente, do gabinete de «mister» Grossmitt, quando um empregado bancário lhe veio, apressadamente solicitar qualquer informação. Com o seu, ar, sempre afável e elegante, Fernando atendeu-o, expressando-se num inglês, tão puro e tão correcto, que Hellen, a gentilíssima filha do milionário, — que nesse momento entrara, parou, surpreendida, exclamando, com entusiasmo:

«You speak english very well!»

Fernando cumprimentou, respeitosamente, a jóvem inglesa, exclamando, com elegante simplicidade.

— «Tenho estudado muito, «miss» Hellen. Com fé e perseverança, tudo se consegue.»

— «Faz bem em querer instruir-se, Fernando. E' a maior riqueza, a instrução. Comece agora a estudar francês que também, de futuro, lhe deve ser bastante útil.»

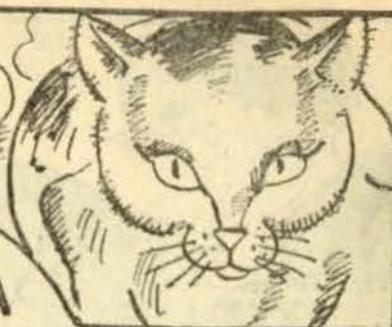
Houve um silêncio entre os dois, após o qual, Hellen prosseguiu:

— «Diga-me, Fernando: não tem saudades da sua pátria, dos seus pais, dos seus irmãos, do seu lar?»

(Continua no próximo número)

Bébé e o Gato

POR
ZÉ d'ALDEIA



Bébé ia para a escola,
Sobraçando o A. B. C.
Que levava na sacola,

Não posso dizer porquê,
Mas ia pouco contente,
Carrancudo,
Impertinente,

A dizer mal do estudo!—
Tinha olhos de chorar...

A mãisinha, à despedida,
A' porta, pôs-se a ralhar:

«Com que, então, só boa vida?!..»

«Pois olhe que há-de estudar...»

«O paisinho,

«Quando tinha a sua idade,

Coitadinho,

Já sabia soletrar!

«Foi tanta a sua vontade

«de aprender,

«e de estudar,

«que chegou a ser doutor!

«Oh! Bébé, tenha juízo!

«Não queira ser mandrião,

«Obedeça ao professor.

«E' preciso

«Educação,

«E' mister ser instruído.»—

Bébé chora

Comovido!

Lembra-se da brincadeira

Que éle adora!

Mas eis que vê, numa esteira,

Todo enroscado,



Pacato,
Com o pélo bem lavado
O seu gato!

—«Ai! Mãisinha! Quem me dera

«Ser gato neste momento...»

«Ser cão, camelo, pantera,

«Ser leopardo ou jumento!...»

«Pois a mãisinha não vê

«Como dorme o Pirláu,

«Enroscado,

«Descuidado

«Sem pensar no A. B. C?!...»

«E' feliz, o Rinhanháu,

«E eu sou muito desgraçado!...—»

—«Oh! Bébé! Não diga isso!

«Nem faça mais descatos...»

«Pirláu presta serviço,

«Anda sempre a caçar ratos.

«Ainda há pouco se lavou...»

«Que diferença!

«Emquanto o Bébé sonhou

«Na sua cama deitado.

«Na dispensa,

«O Pirláu

«Não pregou olho, coitado,

«Defendendo o bacalháu,

«Chouriços e salpicões,

«Queijo, manteiga, os assados,

«O arroz, a massa, os feijões;

«E o Bébé não tem cuidados

«Como o gato!...»

«O seu fato

«Anda sempre bem passado,

«Lavadinho!

«Que lhe falta, não dirá?

«O gatinho

«Pobresinho,

«Não tem mãe, nem tem papá!

«Ele se lava,

«Se escova!...»

«O que você precisava

«Era apanhar uma sóva!...»

«Se o papá vem a saber

«Que Bébé foge da escola,

«Acaba por lhe bater.

«Não queira ser mariola;

«Deixe o gato

«Que já hoje trabalhou,



O CASO DO BURRO QUE FUGIU AO DONO

Por Anão Sabichão



— O vi, só sei que o teu burro seguiu, aí, pela estrada fóra. O pasmado maloio fixou-me, com uns olhos desconfiadíssimos.

— Asseguro-te que não vi o teu burro!— repeti eu. — Hom'essa! Essa agora!

Então, vocemecê não viu o animal e fez-lhe o retrato como se tivesse andado com ele na escola!—

Gaguejou o saloio, no áuge do espanto.

— Torno a dizer-te que não vi o teu burro!—

— Fique vocemecê sabendo que, se não fôsse por sêr quem é, sim, porque o senhor Anão é um Anão todo catita, até usa estrelinhas douradas no fato! Deve ser o general dos Anões! Mas a gente vê tanta cousa cá neste mundo!... — murmurava o saloio, cheio de hesitações e desconfianças.

— Anda, acaba lá o teu pensamento, homem! Queres tu dizer que te passou pela cabeça que eu pudesse ser o ladrão do teu burro!—

Nisto, vimos um rapaz a correr, em nossa direcção. Ao aproximar-se, gritou:

— Oh! Compadre João Mateus! Trago-lhe uma bôa nova!

O sê burro fugiu pela estrada adiante, foi dar à nossa propriedade. Lá o preendi, para o compadre o ir buscar.

— Vês?— disse eu para o embasbacado saloio. — Não tinha razão de te dizer que o animal seguira pela estrada fóra? Se eu o sabia!...

— Mas como o sabia vocemecê, se teima em que não o viu?— voltou êle.

— Teimo e teimarei, porque é a verdade, quer tu o queiras acreditar, quer não.

— Mas como é que vocemecê adivinhou que o animal era cego dum olho?— acudiu o saloio, casmurro.

— Porque vi muita erva comida só dum lado, e essa erva não estava dentada de tódo, o que quer dizer que ao burro lhe faltava um dente.

— E que o animal era manco? Também não me chega o entendimento para entender como vocemecê sabe tal cousa!—



— Pelas pégadas que havia na estrada, percebi que o teu burro arrastava uma das patas, portanto era côxo.

— E a carga de trigo?— continuou o atônito maloio.

— Ah, isso, foram as formigas que me deram a entender. Exércitos delas, em carreirinhos, acarretavam, ao longo da estrada, bagos de trigo que ali estavam espalhados.

Já vês que o caso tem explicação! Escusas de abrir essa grande bôca pasmada! E vai buscar o teu burro, homem!

Vê lá se êle te torna a pregar nova partida!

— Isso é verdade, senhor Anão! Mas eu é que ainda não estou em mim! Vocemecê sempre me saiu um tal espertalhão que é de se ficar mesmo com os miolos a arder!—

Com estas palavras o saloio abalou.

E vocês, meus amiguinhos, o que pensam d'êste policia de investigação que se meteu no meu corpinho de Anão Sabichão?



Um destes dias passava eu por uma estrada aqui dos arredores, quando encontrei um saloio a barafustar, muito aflito da sua vida. Mal me avistou, fez-me esta pergunta:

— O' senhor Anão, vocemecê não viu, por aí, o mê burro? O maroto fugiu-me, nan sê que sumiço levou!—

— O teu burro será ceguêta dum olho?— indaguei eu.

— E' céguinho duma vista, é sim, senhor Anão!— acudiu o homensinho, alvoroçado.

— E aposto que lhe faltava um dente da frente?

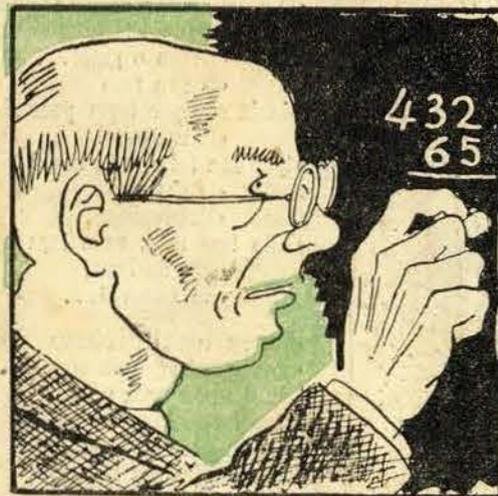
— Pois faltava, sim, senhor Anão!— fez de lá o saloio, cada vez mais ansioso.

— E é ou não é coxo?... E até posso acrescentar que levava uma carga de trigo!—

— Ai, que é tal qual o mê burro, sem tirar nem pôr! O' senhor Anão, diga-me já onde é que o viu!— exclamou o homensinho, todo esperançado em rehaver o seu burro.

— Ora isso é que eu não te posso dizer, porque não

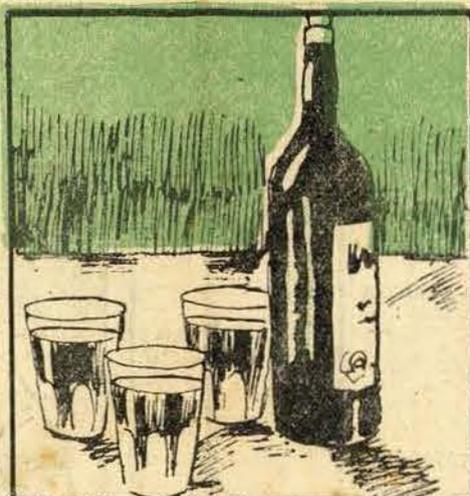
C A L C U L O E R R A D O



O professor Doutor Crista, na Escola, com sua tática, ensinava Matemática e era um grande calculista.



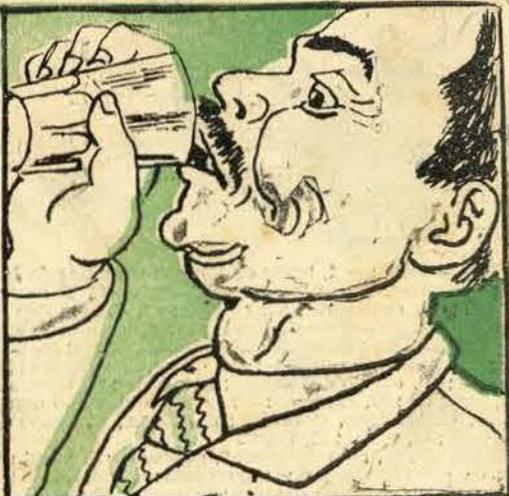
Seu aluno Zé João, d'alma muito «piadética», tinha para a Aritmética muito pouca vocação.



Certo dia, sai com esta o mestre, à hora do ensino: —Se de três, o meu menino, tirar um, quanto lhe resta? Vamos a ver!... E êle explica: —Se acaso o vosso vizinho enche três copos de vinho e bebe um só, quanto fica?



«Não fica nenhum!» -- acode ao seu interlocutor. Mas eis torna o professor que dominar-se não pode:



«O menino não conhece a Aritmética... Então, por sua vez Zé João responde: «O que me parece

é que o Senhor professor não conhece o meu vizinho que bebe copos de vinho como o melhor bebedor.

A rã castigada

(Continuação da página 1)

«Oh Rã formosa
Rã sedutora,
de boca linda,
encantadora:
Meu coração
só teu é! Diz:
Casas comigo?
Serás feliz!...»

A Rã soltou uma gargalhada e, dando um pulo para a água, cantarolou:

«Se quiser casar comigo
vá pedir-me á minha mãe!...»

E, aos saltinhos, foi-se afastando, afastando cada vez mais, a rir e a gritar

— «Adeusinho, adeusinho!... Cumprimentos a quem por mim pre... gun... tar...»

O sapo, a princípio, ficou todo arreliado com as maneiras da rã. E pôs-se a resmungar:

«Para quem foi educado na Alemanha... não é grande a educação. Ora! Parvo sou eu em pensar no casamento com rãzita tão estabana!...»

E dirigiu-se para casa, firmemente resolvido a não se preocupar mais com a rã.

Mas... o coração manda...

O pobre sapo no resto da noite não pôde dormir. E, no dia seguinte, já tinha encontrado tantas explicações e desculpas para o procedimento da amada,

que resolveu ir ter com o compadre grilo, a fim deste fazer o pedido de casamento.

Compadre Grilo, a princípio, escusou-se:

— «Não, compadre Sapo. Tem paciência!...»

Esse casamento é um disparate! Então tu não conheces o célebre provérbio:

P'ra tartaruga
uma boa capa.
E para o sapo
só uma sapa!...?»

— «Pois sim, compadre — respondeu o Sapo — Conheço tudo isso e mais alguma coisa... Mas, como estou apaixonado...»

a linda Rã Pintalgada
vou pedir em casamento...
Pois ou me caso com ela,
ou, com certeza, arrebento!...

O Grilo, então, vendo que não conseguia demover o senhor Sapo dos seus intentos, resolveu-se a aceitar a incumbência. Envergonhou o fraque, pôs o chapéu alto e, de braço dado com o amigo, partiu em direcção ao ribeirão.

Dona Rã Castanha morava com a filha na Poça Grande do Ribeiro.

Porisso, o compadre Grilo se dirigiu para lá. Por sorte, dona Rã andava a gozar o fresco, cá por fóra. E apenas enxergou o Grilo, de quem, há muito, era amiga, deu um saltinho para junto dele e estendeu-lhe a pata. O Grilo, muito delicado, tirou o chapéu e descalçou a luva da pata direita, para o cumprimento. Em seguida, tomando um ar solene, apresentou o amigo:

«Este é o meu amigo Sapo
Sapão da Horta Guardião.
Adora a Rã Pintalgada
e vem pedir sua mão!...»

Dona Rã puxou do *lorgnon*, mirou e remirou o Sapo e por fim perguntou ao Grilo:

— «Tem fortuna o senhor Sapo?»
— «Não tem, não, senhora minha!
Mas é bom trabalhador
e ganha bem a vidinha!...»

— «E qual é o seu ofício?
Qual a sua profissão?»
— «E' caçador de minhocas,
jardineiro e hortelão!...»

Dona Rã franziu o focinho:
«Oh! Deve ser pouco rendoso esse ofício!
Alem disso, não tem nada de brilhante a sua situação social. Contudo, se minha filha quizer, não serei eu quem se oponha.»

E chamando a sua criada Truta, ordenou:
«Vá dizer á menina Pintalgada que preciso falar-lhe imediatamente!...»

A Truta partiu a correr. Daí a pouco aparecia a Rã Pintalgada. Dona Rã apenas a viu, coaxou:

«Querida filhinha,
o senhor Sapão
veio pedir-me
a tua mão!...»

E a Rãzita, muito senhora da sua pele, respondeu:

«Já está dado
o meu coração.
Só casarei
com o Tritão!...»

(Continua na página 8)

PALAVRAS CRUZADAS



J
O
A
O
de
D
E
U
S

HORISONTAIS: — 1, nome de homem; 3, nome de homem; 8, escritor português; 11, habitante da Turquia; 13, verbo; 15, consoante; 16, suspiro; 17, dia em que se comemora o nascimento de Cristo; 20, duração ordinária da vida; 21, vogais; 22, agora; 23, catedral, igreja; 24, pronome; 27, numeral cardinal; 28, criada de crianças; 29, atmosfera; 30, ovário dos peixes; 32, planta; 33, consoante; 34, margem; 37, especiais; 38, parte do aparelho digestivo; 39, embarcação, sentinela; 41, valeta; 42, tempo do verbo voar; 43, vogal; 44, vogal.

VERTICAIS: — 1, nota musical; 2, atmosfera; 3, vogal; 4, letras da palavra «Lucas»; 5, batraquilo; 6, proposição; 7, país europeu; 9, obra de Camões; 10, agora; 12, o que desempenha serviços domésticos; 14, vogal; 15, laço apertado; 18, letras da palavra Rita; 19, verbo no infinito; 22, vogal; 23, consoante; 24, nome de mulher; 25, fruto; 26, arabe nomada; 31, atmosfera; 33, antigo Imperador Francês; 35, poeta português; 36, membro d'ave; 37, consoante; 39, consoante; 40, habitante da Ibéria; 42, verbo ver.

Bébé e o Gato ENIGMAS PITORESICOS

(Continuação da pagina 3)

«Pois um rato,
«Na dispensa, éle apanhou!»
Bébé parte, devagar,
Já um pouco mais pacato,
A pensar, a meditar
Na ventura do seu gato!...

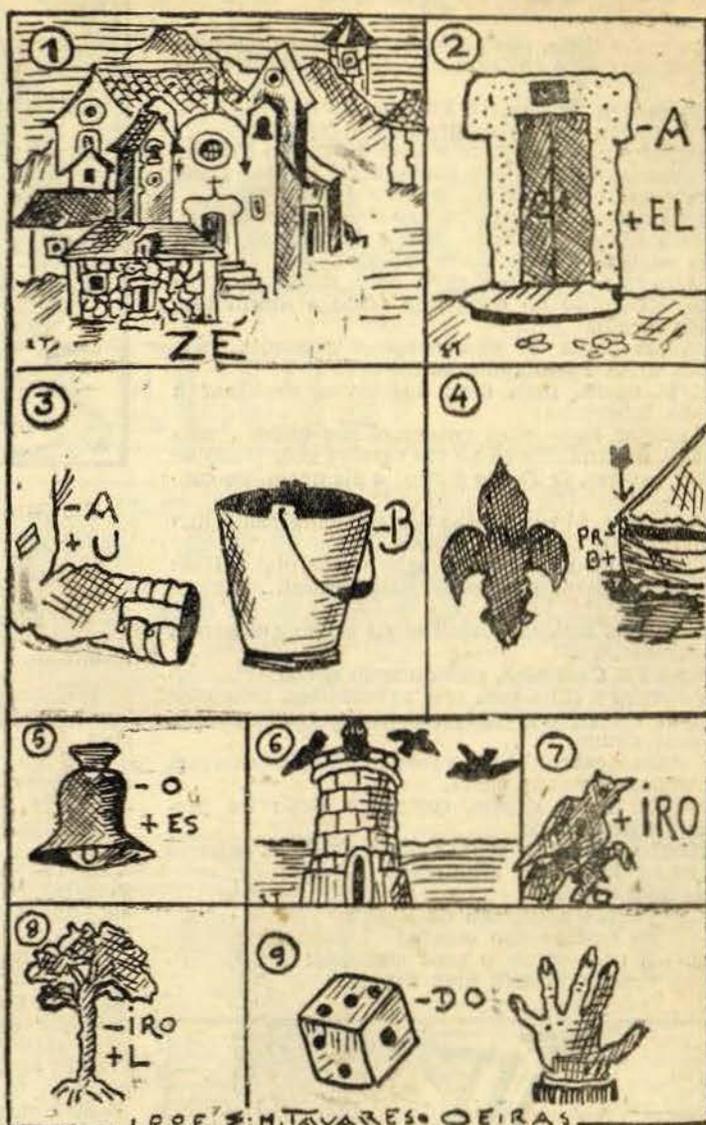
Veloz, o tempo passou...
Muito embora contrafeito
O pequenito estudou,
E por fim, lá alcançou
O seu curso de Direito!

Vêde, meninos sensatos,
De Bébé, hoje, o valor!
Se Deus lhe faz a vontade
De ser gato, andava aos ratos!
Tinha, sim, mais liberdade,
Mas não era, hoje, doutor!

ADIVINHA



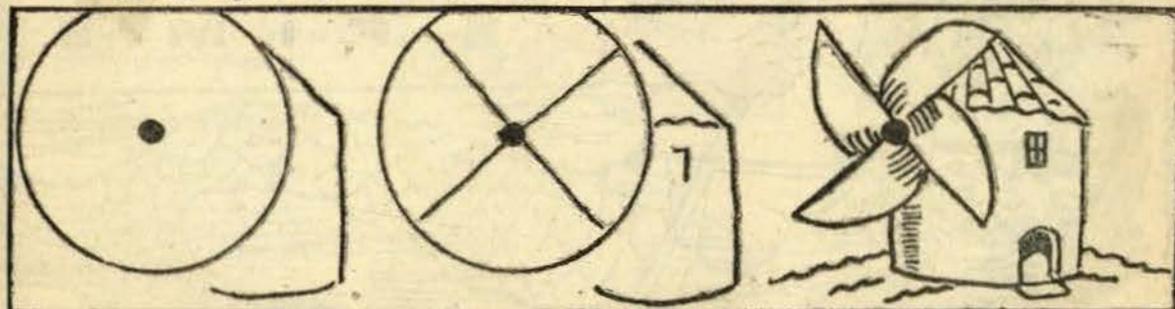
Meus meninos: Vejam se descobrem a dona desta boneca.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA DOS 4 DECILITROS:

Enche-se o copo de 5 e vaza-se parte do conteúdo deste no de 3, ficando no de 5, portanto 2; depois despeja-se na pipa o de três que fica vazio e passam-se os 2 decilitros que ficaram no de 5 para o copo de 3. Enche-se o de 5 e com ele acaba-se de encher o de 3, que tinha 2 decilitros, ficando, no de 5, 4 decilitros certos.

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um moinho

A rã castigada

Conclusão
da página 6

Compadre Grilo, que conhecia a Rãzita de pequenina, tinha confiança com ela. Porisso lhe perguntou:

«Quem é o Tritão, Rã Pintalgada?»

Esta tomou um ar desdenhoso e replicou:

«Então o meu amigo não sabe quem é o Tritão? Que pena me faz a sua ignorância!... Pois fique sabendo que é o bicho mais lindo do mundo.

(Pelo menos, cá para mim). E' muito brilhante, tem uma grande cauda e... não é desdentado, como certos bichos do meu conhecimento!...»

E olhava de sosialo o sapo. Este, muito envergonhado, chegou-se ao compadre Grilo e murmurou, em voz sumida:

«Aquela piada do desdentado é comigo!...»

Mas a Rã Pintalgada, continuava:

«E já agora, para dizer tudo, vou confessar a verdade inteirinha:

O senhor Sapo será um excelente bicho... mas não tem fortuna. Eu cá só me casarei com bicho de teres e haveres. O Tritão é rico: é ele quem me convem!...»

«A riqueza, só por si, não dá felicidade, rãzita!...»

— exclamou o compadre Grilo.

«Ora! O meu amigo não sabe o que diz!... E eu não estou para discussões! Saúdinha!... Saúdinha!...»

E em dois saltos, afastou-se do grupo e depressa desapareceu.

Dona Rã Castanha, que durante a conversa, mirava sempre a filha com ares aprovativos, retirou-se também, baixando a cabeça, com ares muito dignos, aos dois amigos.

E estes acabrunhados e desiludidos, retomaram o caminho das suas casas.

Poucas noites depois, compadre Grilo foi procurar o senhor Sapo:

«Tenho andado a pensar no teu caso. E entendo que não vale a pena afligires-te.

Porque a ingrata da Rãzita ao castigo não escapa!

E tu... segue o meu conselho: casa-te já com uma sapa!...



E o Sapo, resolutamente, respondeu:

«Tens razão!... Na rã não mais pensarei!... E com uma sapinha eu me casarei!...»

Effectivamente, passado algum tempo, o senhor Sapo casava com uma bela sapinha das suas relações.

E na verdade nunca teve motivos para se arrepender. Sua mulher foi sempre trabalhadora, amiga da família, cuidadosa e arranjada.

E a rãzita, casada com o Tritão, foi uma desgraçada.

O Tritão só se dava bem na água. E se a Rã Pintalgada apeteia vir espáirecer para terra, logo ele, que tinha um génio furioso, desatava num berreiro:

«Não podes estar quieta? E' só pandega, pandega!... Em vez de andares sempre no passeio, melhor fôra que olhasses mais pela tua casa e pelo teu marido!...»

E aí dela se repontava! O Tritão, com a sua grande cauda... zás... trás... pás... dava-lhe tanta pancada que a deixava estendida no solo!...

Porisso, um dia, a Rã, não podendo suportar mais tão maus tratos, resolveu divorciar-se. E então foi ter com o compadre Grilo e pediu-lhe que se encarregasse da questão do divórcio.

E á saída, recordando-se do pedido de casamento do senhor Sapo, da sua resposta indelicada e estouvada e dos sentenças do Grilo, abraçou este, com as lágrimas nos olhos, dizendo:

«Você, meu amigo, falava verdade!... A riqueza, só não dá felicidade!...»

■ F I M ■